Emanuel R. Marques

A Catedral De Inconstância



NEOLIVROS.COM

A CATEDRAL DE INCONSTÂNCIA

© Emanuel R. Marques **2010**

A Catedral de Inconstância- escrito em 2002

Capa por: © Célia Rolo

Título: A CATEDRAL DE INCONSTÂNCIA

Autor: Emanuel R. Marques

Editor: Neolivros | www.neolivros.com

geral@neolivros.com

Ano de edição: 2011

Capa: Célia Rolo

Obra com direitos de autor

Os direitos dos livros electrónicos publicados na Neolivros permanecem na posse dos respectivos autores, que autorizaram a disponibilização pública das suas criações. É permitida a reprodução caso o formato original do presente documento seja preservado. É proibida a venda, aluguer ou qualquer outro tipo de aproveitamento comercial, sem o consentimento do(s) autor(es).

Sou
A indefinição
No limbo entre dois jardins
Definidos

I

Na alma da floresta as árvores eram companheiros silenciosos,
As folhas, imersas em serenidade, afugentavam as horas
Que por mais que passassem nunca chegavam.
Os ventos mansos inventavam danças em cultos incolores
E o odor da floresta era transpirado pelas húmidas raízes.

Uma escura cabana ergueu-se do nada,
Era noite
E a lua havia fugido com um qualquer forasteiro.

As lendas eram apedrejadas até à exaustão
Que as fizesse confessar a realidade dos factos.
Levantou-se um enorme vendaval
Aquando da prostração sobre tão acutilantes palavras,
Ideais lavados em amoníaco,
Eficaz método de apagar vestígios.

A origem de tudo veio da cabeça do mesmo Homem,
Aquele que inspirou a argila
E desesperou quando esta secou e caiu.

Estavam criados os desígnios do Homem

II

Sopra-me ao ouvido e deixa leves canções
De melancolia perpetuarem-se-me no destino.

- Não existe essa coisa chamada destino!

Existe uma fraqueza masoquista
Que se alimenta de tédio e desalento.
Voraz criatura de membros infindáveis
Como a solene vastidão de um campo de trigo
Que bamboleia os seus passos numa iminência de queda.

A proximidade ameaçadora de algo que não chega a acontecer,
Mas acontecerá,
Sob a ceifa prometida.

III

As pessoas são mentiras dentro de mim,
Um vácuo de reticências douradas
Que explodem em antíteses constantes,
Implodem-me carcaças insatisfeitas
Como uma heterogeneidade infinitamente incompleta.

As nuvens passam
As folhas caem
As estações mudam
As mães amamentam os filhos

E do ciclo vicioso padecem vícios que o não chegam a ser,
Um condenado suga a raiz de uma planta
Que julga o poder devolver a uma eterna dependência

Existência.

IV

Nuvens de fumo projectavam-se da boca
(o cigarro contorcia-se entre os dedos)
Como um génio que bafeja o seu próprio destino
Numa seca neblina de obscuridade indefinida.

O hálito é amargo,
Dicotomia, antítese,
Prazer de sucção e de expiração,
Passado
- Entrada do fumo,
Presente
- A sua presença no interior,
Futuro
- A rápida e lânguida saída
Para a simbiose com o ar.

Em redor,
Um abraço inconfortável que germina receios e aspirações.

V

A sombra do teu palácio é inconstante,
Como a variável posição do Sol,
Como as vírgulas que o fraco poeta se esquece de corrigir,
Até um dia, mais tarde,
Perceber o seu erro crasso
E provar a irreversível embriaguez
Do seu fracasso.

VI

Perco-me nas palavras que disse
E na melíflua gramática das suas expressões,
Obras inacabadas num desejo de terminar,
Pouca consistência numa argamassa de pólen
Quando uma gruta de lodo é mais viável.

Uma caverna de lodo é sempre mais estável,
Cómoda incomodidade
A única solução possível.

Quando um animal de médio porte
Agonizava pelo inalcançável fruto do seu desejo
Atenuava a sua vontade numa efémera estupefacção.

Era o Homem que ansiava tornar-se um Deus
E perdia-se nos trilhos da embriaguez
E voluntariamente padecia ao seu destino.

VII

Ecos de vozes passageiras
Em turbilhões neuróticos de vazio,
Vagos pensamentos vagos,
Uma pedra a chapinhar,
Sobre as pequenas vagas
Que o seu veloz lançamento formou.
Pairou…
Até finalmente se afundar.

VIII

Tornei-me nesta abismática complicação que se auto-comprime,
Fina camada de um puzzle infinitamente incompleto,
Nenhuma das peças parece enquadrar.
Se, por qualquer sarcástica benevolência do destino
Chega a somente uma peça faltar…
Ela não se compatibiliza
Ou não existe
Ou apodreceu
Ou desfez-se num vendaval de pétalas
Que funebremente já estavam caídas
E sem que ninguém percebesse beijavam o solo,
Moribundas.

O antro dos espíritos
É abençoado com promiscuidades de lógica e outros raciocínios.

No trono da cadeia existencial
Existe um supremo predador para o Homem:
A sua inteligência.

Um sopro de arame vem desviar as nuvens
Incitando-as ao suplício do cadafalso,
Abrigo amargo,
Por onde só as mentes mais puras e criativas
Podem enveredar.

A colheita do ano passado não foi boa!

Não choveu o suficiente!

Os cantos da boca secaram
E os corpos dos amantes não se enrugaram pelo excesso.

IX

Dois dedos

E nada te poderei contar
Dos primórdios da existência, do Homem primitivo
E do dardo envenenado.

Os sinos da igreja ribombam o silêncio
Das estridentes aves engaioladas,
O único afogado será o orador
(se ainda não se tiver corrompido)
e, das sublimes paredes,
aparecerá um nauseabundo suor que partilha dos milagres da solidão.

Uma genuflexão televisiva,
Dois dedos levantados como forma de pecado e santidade
E protesto.

Múltipla utilidade.

***

O juiz franziu o sobrolho,
Desviou as tragicomédias para a televisão
Que ornamentava o desespero,
Lançou dois dedos à loira no banco dos réus.

Incitação

Causador de sensações

Discreta masturbação

Castração mental

Ela levou à boca as suas palavras
Com a inocência de uma tenra idade inexistente.

O público consultava os manuais
Que os haviam ensinado a pensar por si mesmos,
Mas não encontravam aquela página.

Alguém a havia rasgado.

Ninguém a ousara escrever
Ou mudar o canal- o entretenimento era gratuito.

***

Folhas de jornal voam sob o encantamento de um vento primaveril.
Dizem ter chegado a Primavera.
Ninguém recolhe as notícias que voam,
Apontam com dois dedos
Como prova do que estão a ver.

Vivo amedrontado numa única estação.

***

Partem e chegam comboios todos os dias

Misturas
Ideias
Pessoas
Sedução

Cumprimentam-se em espasmos manuais,
Despedem-se meneando as mãos,
Premem os dedos para atacar,
Moldam os dedos em carícias.

E tudo se resume ao toque banal
Com que abençoamos a nossa existência,

Em que cada passo se desfaz
Numa utopia etílica.

X

Chegada a hora dos gatos as sombras começam a deambular
E os rastilhos da sanidade ardem um silêncio indesejado,
Indefinido.

Uma etérea proximidade que se esvai e vem em pequenos
E agudos passos de
Loucura.

XI

A acutilância de um beijo
Cuja memória perdeu o vigor,
E dos olhos do animal,
Descarnada essência do seu perfume,
Já não brilham os astros nem se soltam faíscas,
Ou ainda brilham,
Mas do outro lado deste mundo.

XII

Este Inverno anoitece demasiado cedo,
O mundo esquece-me, ou faz tudo para que o ignore.

Pertenço a uma tribo desmembrada
Singular pela numérica dos seus membros,
Ego.
As pessoas interessam-se pelo nosso modo de vida.
Intrigam-se,
Assustam-se pelo comportamento dos indígenas.
Outros, tentam extingui-los, aos seus indígenas,
Sob a máscara de uma civilização.
Pobres criaturas,
O hábito circundante tornou-as cómodas a esta realidade.

É socialmente correcto responder
- " está tudo bem ",
Aquando da pergunta
- " está tudo bem? "

XIII

Um não divertir em afundar nuvens
Como único meio de diversão,
Saliva de álcool
O inebriante monstro das nostalgias intermináveis.

(A sua beleza é insuportável
como sempre foi e deverá ser)

Mas, com o desvanecer das décadas,
Tudo o que é humano desvitalizará
Sob o manso calor das gerações.

Só a arte poderá eternizar o que é eterno.

Ainda bem
…ou não.

XIV

As hipóteses começam a rarear,
As oportunidades exibem os primeiros sinais de podridão.
Daqui em diante cada acto de respirar
Terá um penoso declínio na consciência.

Tudo está em contagem decrescente,
Tudo em redor
Tudo é encaminhado
Do fértil para o agreste

Ou será agrestemente uma linha contínua
Com ligeiras variações,
Ou abreviadas suposições?

O fétido aroma de um futuro eufemizado.

XV

De que serve a vontade quando outrora a vontade falhou?
Para ter vontade é necessário ter vontade,
Mas tendo a vontade fracassado
É complicado voltar a ter vontade.

A utopia alimenta-se de vontade
Ainda antes de ser utopia,

Não és o centro do universo
E a vontade é apenas um consumível descartável.

Ela desaparece para pequenos gestos
Por se ter frustrado nos mais importantes,
É então deixada ao abandono
Num sepulcro de ridículo.

A vontade foi uma invenção do Homem,
Como modo simplificado de se distinguir hierarquicamente
Nas casualidades, condicionantes,
Factores aleatórios da existência.

No entanto,
Ainda subsiste o mito da força
De vontade.

XVI

Existem inúmeras formas
Modos de alimentar o corpo…

Mas…
E a alma?
Onde poderá tão sensível essência encontrar o seu alimento?
Talvez nos resíduos que se entranham nas suas paredes.
Resíduos ressequidos,
Inadormecidos,
Parasitas anémicos
Que se propagam em fogos de artifício incolores.

Até que,
De um qualquer restaurante de luxo,
Sejam deixados vestígios do que outrora foi um manjar
E dos seus restos a alma se possa alimentar.

XVII

O rastilho foi aceso;
Nascimento.
O atento espectador observa
Impávido
Impaciente
O decorrer da incandescência
Que comanda o brilho dos seus olhos
E determina o suplício das suas ansiedades.
O seu rosto é cinzento de uma pesada opulência;
Ao mesmo tempo leve,
Como o indescritível, o interminável,
Cintilantes gomos existenciais do que outrora foi.
A titubeante espera,
O desespero da explosão que tarda
E não será o fim,
Mas sim o início.
Agonizante demente paciência até ao sopro final,
Ou a eterna ingratidão.

XVIII

Entrávamos ligeiros,
Silenciosamente,

Eu e a consciência dos fantasmas da minha
Percepção.

- Vês alguma coisa?
- Acho que não. Ou se vejo algo
Esse algo não me vê a mim,
Por isso, é como se não o visse.

As colunas eram minuciosamente ornamentadas,
Requintado estilo de uma arquitectura divina,
Apesar de não muito altas sustinham,
Como dois braços em uníssono
Que gentilmente premissem as suas protuberâncias.
O solo era fino papel de pegadas invisíveis.

- Achas que verei melhor se abrir os olhos?
- Parece-me igual. A mesma sensação.
Além disso, já tens os olhos abertos.
Experimenta fechá-los.

Eu e a consciência dos fantasmas da minha
Percepção.

Um trago de whisky destilaria o Universo,
Deixando flutuar pequenas partículas,
Átomos de ebriedade sob o âmago das palavras puras.

- Talvez os habitantes não compreendessem
A nossa cultura.

Eu e a consciência dos fantasmas da minha
Percepção.

O caminho de regresso não é importante.

- Não estou preocupado com o retorno,
Conheço-o demasiado bem para me espantar com o que quer que seja.
- Eu tenho calor sobre a pele,
Uma sensível insensibilidade.
- Recordas-te quando bebíamos da fonte do inesperado
E o ventre agonizava como veneno, palpitante?
- Claro!
Supérfluos cálices
Supérfluos espíritos…
Nada se compara a este.

E abandonámos serenamente

Eu e a consciência dos fantasmas da minha
Percepção.

XIX

Dostoievsky voltou a visitar-me,
A viagem de Kerouac não foi suficiente
Para desmaterializar as nuvens cinzentas.
Deveria ter passado mais tempo nas matrizes do indefinido,
Desencontrado de tudo
Sob um embriagado sorriso de omnisciência.

Halo imprevisível

Tudo é demasiado
Kafkiano…

XX

Sufoco de uma apática melancolia
Sem parâmetros de vida ou morte,
Como a fase anterior ao nascimento,
E o seu vazio em não existir,
Não ser.

Dormência interior.

XXI

Pobres mendigos de suor acotovelam-se
Para poderem assistir ao inefável espectáculo.

As majestades decretaram ser proibida a sua entrada

Eles,
Incautos,
Etéreos,
Observam divertidos,
Fingindo não ter importância
E escondem as lágrimas que não conseguem ter,

Os mendigos do suor voltam para os seus palácios,
Andantes, errantes;
As majestades mantêm-se nos sujos barracos ordenando proibições,
Apáticas, estáticas.

XXII

Agarrado à margem do rio,
Que irá desaguar ao desconhecido,
Uma mão pendente que recusa largar a expectativa,
E, ao mesmo tempo,
Simultaneamente,
Prefere ser arrastada pelo derradeiro embalar da corrente.

Peixes de Kronos,
Outros já passaram
Outros hão-de passar

Mas não consegue desistir nem largar,
Sob a vã iminência,
Incerteza de alguém junto à margem parar
E oferecer recolha para terra firme

Ou até a intensidade da corrente se tornar irresistível,
Sob a serena covardia que arrasta o tempo

A frágil casca de um dilema.

XXIII

Treze cândidas pombas debicam um telhado,
Sob a instintiva certeza de cada uma encontrar algo que a sacie.
Se forem abatidas não terminarão a procura
E o que outrora foi certeza deixará de o ser,

Uma certeza que somente foi avistada,
Impedida
E nunca o chegou realmente a ser.

Penso
Na minha falta de bons pensamentos.

XXIV

Quando os curiosos transeuntes se recolhiam
Às interiores paredes da catedral,
Homens e mulheres enegrecidos pelo desgosto do gosto
E pelo gosto do desgosto,
imploravam cigarros e fé
E citavam questões para as quais sabiam não existir resposta.

Os peregrinos lançavam moedas de benevolência,
Esquecendo que inconstância não fora construída com dinheiros
E as figuras que a ornamentam são fantasmas da imaginação.

XXV

Para a celebração de uma festividade
Preferia embriagar-me com um simples copo de água.
Aquilo que para outros é embriaguez é para mim tédio banal.

Ó louvores da simplicidade,
Pudesse hoje consumir essa rejuvenescedora água
E ceder à catarse que o espírito necessita.

Ofélia,
A Dinamarca desfaleceu após a tua partida.

Biografia

Emanuel R. Marques: Formado em Comunicação Audiovisual. Já passou pela televisão, assim como já ganhou a vida a fazer visitas num convento e museu do séc. XV.

Autor do livro de contos “Sui Generis-Contos DeMentes”, dos livros de poesia “Antologia dos dias esquecidos” e “Madrugadas indefinidas”. Tem colaborações em várias revistas e webzines, tanto em Portugal como noutros países (ex: Miasma, Abismo Humano, Lama, Twisted Dreams, Dark Gothic Ressurected). Participa das antologias “Novos talentos fantásticos 2009”, “Poetas em desassossego-Caminhar no Mundo”, “Casos minimalistas”, “Alquimia das Letras” e “Histórias de lugares distantes”.

Membro do projecto musical “Unquiet Lost Devotion”.

Colaborador em projectos de diversos campos artísticos.

http://facebook.com/emanuel.r.marques